COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich – um elo entre ciência e espiritualidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais.** 15º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: ____/____/____.

REICH – UM ELO ENTRE CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE

Margareth Veltrini Amud

Qual é a coisa mais difícil que existe?
A que parece mais fácil aos seus olhos ver,
Aquilo que está diante do seu nariz.
Ghoethe

RESUMO

Assistimos, desde o século passado, uma revolução no desenvolvimento do conhecimento científico a desafiar nosso entendimento, trazendo conceitos complexos como a noção de totalidade, a interconexão entre todas as coisas e a equivalência entre matéria e energia. Por outro lado, muitas tradições espiritualistas, vêm, há milênios, entendendo o mundo a partir de conceitos bastante semelhantes, tendo como base a dimensão energética da nossa realidade física. A teoria de Reich, por sua vez, entende o funcionamento biológico a partir de uma energia intrínseca à matéria, cujas características, talvez, nos permitam construir uma ponte entre essas diversas maneiras de olhar para a realidade.

Palavras-chave: Chakras. Couraças. Energia. Éter. Orgone.

O conhecimento científico, em sua evolução, descreve uma trajetória única, percorrendo ao longo do tempo um caminho que parte de uma concepção do mundo como um organismo vivo, espiritual, que perdurou durante toda a Idade Média, desenvolve-se, a partir do Renascimento, baseado num mecanicismo materialista, que entende o mundo como uma máquina, a partir de relações de causa e efeito, e ingressa na Modernidade com descobertas surpreendentes sobre a eletricidade, o magnetismo, a luz, o tempo, o espaço, e, principalmente, sobre o átomo e as partículas subatômicas. São conhecimentos que levam a uma perspectiva através da qual o mundo só pode ser entendido como uma totalidade indivisível, onde os elementos só existem a partir das relações que estabelecem. A física moderna traz conceitos revolucionários, principalmente sobre a estrutura da matéria, e passa a nos falar de um universo energético, vibracional, interconectado, onde a matéria, que conhecíamos como sólida e determinada, no nível micro tem a mesma natureza da luz. Nossa realidade física, antes tão concreta, passa a ser entendida agora desde uma dimensão energética.

O entendimento de que existe uma energia perpassando todo o Universo, no entanto, não é novo, e sempre fez parte de questionamentos, tanto de cientistas e filósofos, quanto de tradições religiosas, desde épocas imemoriais. Sabemos que Hermes Trimegisto, em sua Tábua de Esmeralda, já falava de uma tal Telesma, enquanto filósofos ocidentais, desde Tales de Mileto, discutiam qual seria a natureza de uma certa substância primordial, essência de todas as coisas. Também podemos encontrar referências a uma energia primordial na tradição dos Kahunas, no Havaí, que denominam esta energia de Mana, e também entre os chineses e japoneses, que chamam esta energia Chi ou Ki, sendo ela a base de um sistema de conhecimento altamente desenvolvido, que é a Medicina Tradicional Chinesa. Já no Hinduísmo, assim como naTeosofia, a chamam Prana ou Força Vital.

Reich (2009), em suas pesquisas, também chega à descoberta de uma energia, que ele chamou orgone. Para ele, a germinação das plantas, o desenvolvimento dos embriões e a produtividade dos organismos, indicam que há uma energia governando o trabalho da substância viva, com a qual nenhuma energia conhecida pode competir. Suas pesquisas levaram-no à descoberta de uma energia que se manifesta nos organismos vivos como uma energia biológica específica, que ele chamou orgone. Mais tarde ele descobre que esta energia orgone também existe na atmosfera, e que os organismos podem carregar-se dessa energia, chamando-a, então, energia orgone cósmica.

Como podemos ver, os entendimentos que concebem nossa realidade a partir de uma dimensão energética são muitos e caminham em diferentes direções. A despeito, porém, de serem perspectivas tão diversas, consideradas até antagônicas em alguns contextos, um olhar mais cuidadoso pode revelar muitos pontos de entrelaçamento entre elas.

Sem a pretensão de fazer qualquer afirmação conclusiva, nosso objetivo aqui se resume em iniciar uma reflexão no sentido de perceber como Reich, investigando as bases do funcionamento biológico, chegou a descobertas cujos elementos coincidem tanto com conceitos da física moderna, quanto com alguns conceitos milenares de algumas tradições espiritualistas.

Podemos iniciar esta reflexão lembrando que as pesquisas de Reich (2009), começaram a partir do que ele chamou economia sexual, entendendo o orgasmo como um fenômeno biológico fundamental, um mecanismo de carga e descarga energética, que ocorre na raiz do funcionamento biológico e envolve todo o sistema plasmático. Ele observou que este funcionamento se aplicava a todos os seres vivos e também a todas as funções do sistema vital autonômico. Tudo funciona a partir desse ritmo, diz ele, mesmo a divisão celular, os movimentos dos protozoários e metazoários, o coração, os intestinos, etc., parecendo existir uma lei básica que governa todos os organismos. Reich (1998) também descobriu que distúrbios nesse mecanismo de carga e descarga podiam provocar doenças, físicas e psíquicas, e que esses distúrbios decorriam de couraças, que seriam contrações musculares crônicas em algumas regiões do corpo, formadas em função de "distorções dos modos de expressão naturais do organismo vivo" (p. 334). Além disso, comprovou que a emoção estava intimamente ligada a este funcionamento, considerando-a, fundamentalmente, um movimento plasmático.

Procurando descobrir a fonte dessa energia presente no funcionamento vital do ser vivo, Reich (2009) inicia uma série de experimentos controlados e detalhadamente descritos em seu livro A Biopatia do Câncer. Descobre então que toda matéria, quando inchada, se desintegra em vesículas de energia, que ele chamou bíons. Segundo ele, "o bíon é a unidade elementar de funcionamento de toda matéria viva" (p. 16). Ele afirma que:

> A questão fundamental de toda a biologia diz respeito à origem dos impulsos internos no organismo vivo. Ninguém duvida que o vivo se distingue do não-vivo por intermédio da origem interna dos impulsos motores. O impulso motor interno pode ser atribuído somente a uma energia ativa no interior do organismo. O experimento com bíons responde à pergunta de onde se origina essa energia. (REICH, 2009, p. 31).

A proposta de Reich nos remete diretamente a uma questão de extrema importância na física moderna, que é a equivalência entre matéria e energia. Como nos explica Gleiser (1999), uma das principais conseqüências da nova física é o entendimento de que "massa e energia podem ser convertidas entre si" (p.251). E Reich já reconhecia isto:

> Libertamo-nos de qualquer suspeita de estar lidando com uma força vital sobrenatural que transcende a energia e a matéria. Com isso, reconhecemos uma conexão entre as vesículas de energia e a teoria funcional de matéria e energia de Einstein (REICH, 2009, p. 31).

Reich (2009) continua explicando que o termo orgone, que deriva das palavras organismo e orgástico, define o organismo vivo como um sistema orgonótico, uma "estrutura membranosa que contém nos fluidos de seu corpo uma quantidade de energia orgone" (p. 31). Além disso, descobre que o organismo pode se carregar de energia orgone cósmica, existente na atmosfera. Segundo Reich (2003) a descoberta da energia orgone cósmica deu-se a partir de sua descoberta básica e fundamental: "a função da pulsação orgástica do plasma" (p. 5), que permitiu o entendimento do processo da vida desde o que ele chamou de "funcionalismo orgonótico".

Reich ainda afirma que todas as observações e estudos sobre as funções cósmicas orgonômicas levam à conclusão de que:

> Não existe algo como um "espaço vazio". Não existe "vácuo". O espaço revela qualidades físicas definidas. Essas qualidades podem ser observadas e demonstradas; algumas podem ser reproduzidas experimentalmente e controladas. É uma energia bem definida que é responsável pelas qualidades físicas do espaço. Esta energia foi denominada "energia orgone cósmica" (REICH, 2003, p. 153).

Também aqui podemos ver a correspondência entre a teoria reichiana e a física moderna. Como nos diz Gleiser (1997), apesar de a física moderna ter se desenvolvido a partir da "descoberta" de que o éter não existe, quando Einstein formulou sua teoria da Relatividade Geral, trabalhou com equações que descrevem a curvatura do espaçotempo, curvatura esta "causada pela presença de matéria (energia)" (p. 335). Sobre isto, Martins (2008) nos explica que Einstein, que anteriormente era contra a adoção do conceito de um éter em sua teoria da Relatividade Especial devido a um posicionamento empirista que não admite considerar a existência de algo que não pode ser demonstrado, muda de opinião quando, desenvolvendo a teoria da Relatividade Geral, ele utiliza um conceito novo, o espaçotempo, cujas propriedades se assemelham ao éter, apenas com outro nome. Confrontado a respeito disso por seu amigo Ehrenfest, conta Martins, Einstein responde com a obra "O éter e a Relatividade", de

1920, onde afirma que de acordo com a teoria da Relatividade Geral, um espaço sem éter seria impensável.

O entendimento de Reich sobre a energia orgone no organismo e a energia orgone cósmica, particularmente quando ele descreve suas experiências com os bíons, também coincide com o pensamento do físico David Bohm, em relação ao que ele chama de potencial quântico, entendimento através do qual chegou aos conceitos de ordem implícita e holomovimento. Como nos conta Pratt (1993), David Bohm entende que

partículas subatômicas, como os elétrons, são entidades dinâmicas, extremamente complexas, e que seus movimentos seguem um caminho preciso, que, todavia, não é determinado apenas por forças físicas convencionais, mas também por uma força mais sutil, que ele denominou potencial quântico. Este potencial quântico é um conceito de algo que permeia todo o espaço, promovendo uma interconexão entre partículas subatômicas através de uma dimensão não-local, ou seja, um modo de comunicação instantâneo, não temporal e não espacial, conhecido como efeito Aharonov-Bohm. Em 1959, Bohm e Aharonov observaram que elétrons reagiam a um campo magnético que estava próximo, mas longe do alcance da localização dos elétrons, demonstrando a existência de “algo”, através do qual uma partícula “sente” ou recebe informações do sistema como um todo. Pratt esclarece que ainda não se tem uma explicação decisiva para esta propriedade ou comportamento das partículas sub-atômicas, mas alguns físicos, entre eles Jean Paul Vigier e vários outros do Institut Henri Poincaré, sugerem que o fenômeno pode ser entendido admitindo o envolvimento de uma energia mais sutil, explicando o potencial quântico a partir da existência de um éter subjacente.

Em relação à semelhança entre a energia orgone cósmica e a matéria (energia) do espaçotempo curvo de Einstein ou a dimensão não-local de Bohm, Reich (2003), já antecipa a correspondência que somos levados a perceber quando afirma que as funções da energia orgone cósmica coincidem com a maioria das funções atribuídas ao éter por muitos pesquisadores. Diz ele que não reivindica para o orgone cósmico a descoberta de Deus ou do éter, mas admite que suas descobertas falam de uma

energia que "revela muitas características atribuídas anteriormente a Deus e ao éter" (p. 49).

Com esta afirmação, Reich nos remete a outra reflexão, levando-nos a perceber que o funcionalismo orgonômico também apresenta muitos pontos de contato com várias filosofias espiritualistas.

Leadbeater (1981), estudioso da Teosofia, nos conta que a filosofia Budista, assim como outras tradições orientais, entende o homem, em sua existência terrena, como um complexo e intrincado sistema, que existe a partir de vários corpos, através dos quais o homem "se relaciona com os mundos emocional e mental" (p.18). Um desses corpos, chamado duplo etérico, é o veículo através do qual "fluem as correntes vitais que mantém vivo o corpo" (p. 18). Esta dimensão do corpo físico chamada duplo etérico, diz ele, é uma ponte, através da qual os pensamentos e as emoções são transferidas "do corpo astral ao corpo físico denso" (p. 19).

Este entendimento de que pensamentos e emoções se "transferem" ao corpo físico fica muito claro na teoria de Reich (1998), quando ele afirma que a emoção é, fundamentalmente, um movimento plasmático, que "a energia orgone cósmica funciona no organismo vivo como energia biológica específica, e que, como tal, governa todo o organismo: se expressa tanto nas emoções quanto nos movimentos puramente biofísicos dos órgãos" (p.330). Podemos entender melhor como isto funciona trazendo o entendimento de Navarro (1995):

> Do ponto de vista neuropsicológico, deve-se dizer que cada estímulo sensorial determina uma percepção, que pode ser gratificante ou frustrante, e para a qual haverá uma resposta parassimpática ou simpática. Essa resposta é veiculada pela circulação sanguínea, cuja cota energética está ligada não somente aos glóbulos vermelhos e aos hormônios, mas, sobretudo, aos íons plasmáticos, que possuem uma carga energética específica (NAVARRO, 1995, p. 26).

Leadbeater (1981) também explica que a região etérica é constituída de matéria mais sutil que os próprios gases, à qual se dá o nome de éter. O corpo etérico, diz ele, também chamado corpo vital, interpenetra todo o corpo físico, e apresenta milhões de pontinhos luminosos que entram no centro dos átomos densos, fazendo-os vibrar com grande intensidade, carregando-os de força vital. Esta descrição de pontinhos

luminosos lembra em muito a descrição que Reich (2009) faz sobre os bíons, sendo que "bíon e vesícula de energia designam exatamente a mesma formação em funcionamento, visível ao microscópio" (p. 16). Ele explica:

> O bíon é a unidade elementar de funcionamento de toda matéria viva. Ao mesmo tempo, é o portador de um quantum de energia orgone e, como tal, funciona de uma maneira especificamente biológica. É uma unidade de energia {...} (REICH 2009, p. 16).

A teoria de Reich sobre o orgone cósmico e o funcionalismo orgonômico também pode se comparada à descrição que Leadbeater (1981) faz a respeito de como o corpo etérico se carrega com energia que existe na atmosfera, dizendo que energias do Sol em forma de um fluido etéreo são absorvidas pelo corpo vital, circulando pelos nervos através do corpo físico em forma de corpúsculos esféricos. Estes corpúsculos, segundo ele, conservam o calor e a saúde do corpo.

Outro ponto em que podemos relacionar esses conhecimentos diz respeito ao entendimento de que a energia vital, segundo Leadbeater (1981), é uma energia diferente da eletricidade:

> Não se deve confundir a vitalidade com a eletricidade, pois, embora tenham alguns pontos de semelhança, a vitalidade atua bem distintamente da eletricidade, do calor e da luz. (LEADBEATER, 1981, p. 59).

Em relação a isto, Reich (2009), pesquisando a biopatia do câncer, chega ao orgone e o define como uma energia biológica celular, que, no entanto, não é eletricidade. Diz ele que algo "(...) se manifesta como um movimento acompanhado de uma corrente de ação. Mas esse algo, em si, não é eletricidade" (p.8).

Também é interessante perceber que Leadbeater (1981), intrigantemente, chama de neuróticos aqueles que carecem dessa energia, dizendo que "são neuróticos porque as células do seu corpo estão famintas (...)" (p. 76). Ora, Reich (1994), já no início de seu trabalho percebeu que a neurose decorria de uma incapacidade do organismo de efetuar as trocas energéticas de maneira plena, causando estases energéticas, que podemos entender como uma condição que decorre da incapacidade do organismo "se alimentar" de energia de forma adequada.

Leadbeater (1981) também diz que o corpo físico, além de alimentos e oxigênio, assimila uma vitalidade, uma força, ou energia que existe em todos os planos, e que é assimilada pela dimensão etérica do nosso corpo. A transferência dessa energia do corpo etérico ao corpo físico é feita através dos Chakras, ou centros de força, através dos quais a energia flui. Estes centros, ou Chakras, diz ele, são em número de sete, localizando-se: na base da espinha dorsal, no baço, no umbigo, ou plexo solar, na região do coração, na garganta, entre as sobrancelhas e no alto da cabeça. Além disso, distinguindo diversas correntes específicas formando esta energia, ele afirma que "o fluxo vital dessas diversas correntes regula a saúde das partes do corpo por onde passa" (p. 82), ou ainda, "a debilidade ou doença em qualquer parte do corpo vai acompanhada da escassez ou falta de fluxo de vitalidade naquela parte" (p. 82).

Não há como evitar a comparação com a proposta de Reich sobre como os distúrbios no fluxo energético nos diferentes níveis do corpo formam as couraças, que interferem na saúde dos órgãos ligados a estas regiões. As similaridades existem inclusive quanto às localizações dessas regiões, como se pode conhecer detalhadamente em Navarro (1995) e Navarro (1991).

Mais ainda, se pensarmos que, segundo a maioria dos autores, cada um dos chakras, de acordo com sua localização, está ligado a uma glândula do sistema endócrino, podemos perceber a estreita ligação entre a teoria dos chakras e as couraças reichianas, pois estas decorrem de distúrbios no fluxo energético, que por sua vez decorrem da falta de expressão adequada de impulsos e emoções que, em última instância, são regulados por nosso sistema endócrino. Neste sentido, o entendimento de Ramos (1998) traduz perfeitamente esta relação na medida em que propõe a instância psicológica como a experienciação do nível quântico da matéria. A autora entende o psíquico e o corpo como uma unidade, que em nível macrocósmico se apresenta biológico, com os conhecimentos da física clássica, e em nível microcósmico se apresenta psicológico, com os conhecimentos da física quântica. "Assim, o psicológico seria a manifestação experienciada do nível quântico da matéria humana" (RAMOS, 1998, p. 82). É uma proposta que traz luz à relação que tentamos estabelecer entre sistema endócrino, emoção, chakras e couraças.

Diante do exposto, podemos perceber que, mesmo a partir de uma análise não aprofundada, encontramos muitas semelhanças e elementos comuns entre as diversas áreas que trabalham com a dimensão energética da existência humana. A física moderna se vê às voltas com uma energia que está na base de toda matéria, mesmo onde esta parece não existir, como no vácuo. Tradições espiritualistas falam da dimensão energética do ser humano há milênios. Reich, a seu modo, entende o ser humano em função de uma energia, intrínseca à matéria, a partir da qual a vida funciona. Um olhar mecanicista poderia considerar que cada área de conhecimento fala do que lhe é próprio, e falam, portanto, de coisas diferentes. Mas, se adentrarmos, como dizia Reich, numa nova esfera de pensamento, poderemos alcançar um entendimento que nos permita vislumbrar um mundo novo. Para isto, faz-se necessário perceber que a "vida", como um complexo intrincado de relações, ainda permanece um mistério, e que talvez o caminho para sua compreensão deva ser trilhado no sentido contrário ao do mecanicismo, ou seja, antes de dividir, somar, antes de fragmentar, integrar. Pode ser que estejamos ainda muito longe dessa compreensão ou, talvez, que tenhamos condição de alcançá-la apenas parcialmente. Todavia, diante do cenário atual, uma coisa parece certa: olhando numa só direção será impossível obter uma compreensão do todo, pois cada saber reflete uma face e representa um elemento do intrincado jogo da criação. Cabe a nós ter olhos de ver.

REFERÊNCIAS

GLEISER, M. **A Dança do Universo:** dos mitos de criação ao Big Bang. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LEADBEATER, C. W. **Os Chakras** ou os centros magnéticos vitais do ser humano. São Paulo: Editora Pensamento, MCMLXXXI.

MARTINS R. A. **Espaço, tempo e éter na teoria da relatividade.** São Paulo: Rev. Bras. Ens. Fís. **27,** 11 (2008). Disponível em <http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=3699&bd=1&pg=2&lg> Acesso em 03.04.2010.

NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica das biopatias.** Interpretação reichiana das doenças com etiologia "desconhecida". Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich – um elo entre ciência e espiritualidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais.** 15º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: ____/____/____.

NAVARRO, F. **A Somatopsicodinâmica.** Sistemática Reichiana da Patologia e da Clínica Médica. São Paulo: Summus, 1995.

PRATT, D. **David Bohm e a ordem implícita.** San Diego: revista Sunrise, Fevereiro / Março de 1993. Copyright © 1993 por Theosophical University Press). Disponível em <http://www.theosophy-nw.org/theosnw/science/prat-boh.htm> Acesso em 03.04.2010.

RAMOS, M. B. B. **Macromicro** – a Ciência do Sentir. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

REICH, W. **A Função do Orgasmo –** problemas econômico-sexuais da energia biológica. 18ª ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1994.

REICH, W. **Análise do Caráter.** 3ª ed. São Paulo: Martins fontes, 1998.

REICH, W. **O Éter, Deus e o Diabo.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REICH, W. **A Biopatia do Câncer.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

Margareth Veltrini Amud/SC – Formada em Psicologia pela UNIVALI, Especialista em Psicologia Transpessoal pela ALUBRAT, Cursando Especialização em Psicologia Corporal no Centro Reichiano, Curitiba/PR.
E-mail: margareth.amud@gmail.com